

Sacrifício dos que vieram se transforma em paixão

Sandra Brasil

Distante da família, amigos, praias e outros prazeres. Tudo isso, aliado ao medo do desconhecido, transformava num grande sacrifício a vinda para uma cidade recém-construída. Mas a "jovem", com o seu "jeitinho" eclético, conseguiu conquistar corações e mentes da maioria das pessoas que chegaram para passar pouco tempo e, hoje, não desejam se separar dela. Muitos senadores, deputados e funcionários do alto escalão fincaram aqui suas raízes e vivem num casamento feliz com a balzaquiana Brasília.

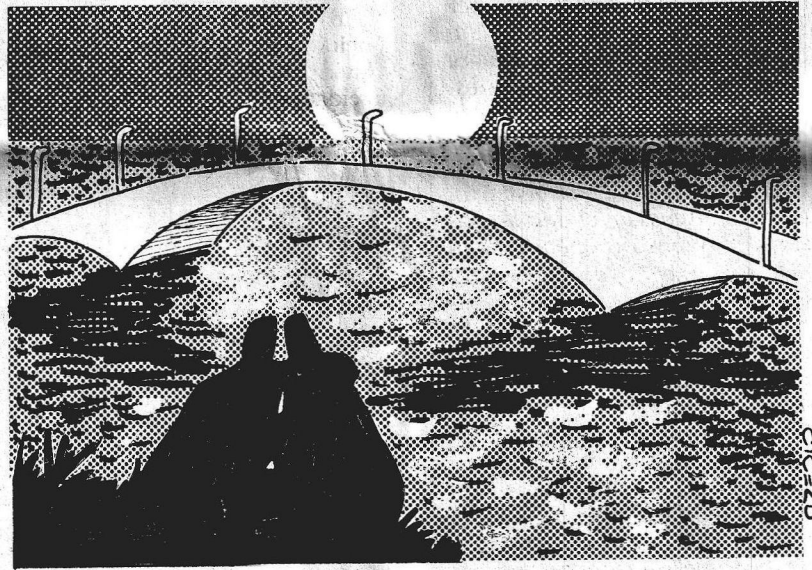
Um bom exemplo de caso de amor com a cidade é o do ex-presidente da Câmara dos Deputados, ex-deputado Paes de Andrade (PMDB-CE). Cearense, ele chegou aqui em 1962, quando foi eleito pela primeira vez deputado federal. Apesar de derrotado nas eleições passadas, quando disputou uma vaga no Senado Federal, Paes de Andrade continua residindo em Brasília porque, entre outras coisas, está "profundamente enraizado".

Para ele, Brasília nasceu "audaz, corajosa, otimista, sobretudo atrevida" e permanece assim até hoje. Atual tesoureiro do PMDB,

Paes de Andrade fala com muito orgulho da cidade construída pelo presidente Juscelino Kubitschek, de quem era amigo íntimo. O ex-presidente da Câmara conta que suas três filhas também não querem deixar a cidade.

Três fases — O ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), Paulo Afonso Martins de Oliveira, é outro apaixonado pela cidade. Obrigado a vir para cá em 1960, pois era funcionário da Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro e, com a transferência do órgão, não teve escolha. Segundo ele, todos os que vêm para Brasília passam por três fases: "Na primeira, assim que chega, a pessoa pensa que está fazendo uma viagem de turismo e não veio para ficar. Em seguida, na segunda fase, se conscientiza de que vai ficar e acontece o momento de saudosismo, em que fica lembrando da família que ficou na cidade natal. Por fim, na terceira, a pessoa fica gostando da cidade, começa a achá-la tranquila e bonita".

O ministro conta que a cidade precária que conheceu, é atualmente o seu lar. "Já criei raízes aqui e a prova disso é que os meus cinco netos nasceram em Brasília", conta. Contudo, Paulo



Afonso diz que não renega o seu estado de origem, o Rio de Janeiro, onde gosta de ir apenas para passear. Ele sente muito o fato de a sua cidade natal, o Rio, não ser beneficiada com a tranquilidade existente em Brasília.

Na opinião de Paulo Afonso, "os presidentes militares prestigiaram a capital e a tornaram uma realidade, do ponto de vista administrativo". Mas, também enxerga que a cidade tem pro-

blemas. "As cidades-satélites estão muito mal assistidas em educação, saúde e transportes e continuam muito pobres", afirma o ministro do TCU.

Tarefa — Outro "namorado" da cidade é o engenheiro Wadjô Gomide. Ele conta que conheceu Brasília quando esta ainda estava se preparando para nascer. O engenheiro foi convidado pelo presidente da Novacap, Eli Rocha Franco, em 1959, para trabalhar

na empresa. "Eu vim porque era uma tarefa empolgante", conta Wadjô, que entre outras coisas criou a Sociedade de Habitações de Interesse Social (Shis), a cidade-satélite do Guará, o Palácio do Buriti, a Escola Normal. Ele foi o último prefeito de Brasília, de 1967 e 1969, indicado pelo presidente Costa e Silva. Diz que nunca pensou em deixar a cidade porque "sempre quis ajudá-la a crescer".

O mineiro Wadjô Gomide conta, com orgulho, que seus quatro filhos são brasilienses. Aos que chegam, ele faz questão de avisar, "quem beber da água do cerrado não vai querer mais deixá-lo".

Mas, o engenheiro acha que a cidade está muito diferente daquela que administrou nos anos 60. "Cresceu muito e, com ela, também aumentaram os problemas", constata. Como única saída para o crescimento populacional, Wadjô Gomide defende a industrialização das satélites. "Atualmente, 70 por cento dos empregos estão concentrados no Plano Piloto e milhares de pessoas precisam atravessar longas distâncias para chegar ao emprego e não tem transporte coletivo que agüente".

"Quando eu era prefeito, Brasília era uma criança de sete anos, com quem era mais fácil lidar, mas hoje, com 31 anos, é preciso usar de outros artifícios para lidar com ela", afirma o pioneiro.

Industrialização — Como Wadjô, o ex-deputado federal e advogado Hugo Mardine (PDS-RS) também vê a industrialização como a única solução para Brasília. Ele diz que esta "é a única cidade que tem um setor específico para indústrias, onde não existem indústrias". Disse ainda que considera necessária a contenção da migração.

Apesar de ter terminado o seu mandato da Câmara dos Deputados em 1987, o advogado permanece residindo na cidade. Ele veio para Brasília em 1979 e diz que sentiu muita dificuldade para se adaptar. "Ao encerrar o mandato, eu queria voltar para Porto Alegre, mas minha mulher e meus filhos foram contrários e por isso continuamos aqui", conta o ex-deputado. Segundo ele, "sua família fez fortes ligações com a cidade". E, para tentar estreitar os seus laços com Brasília, Hugo Mardine ajuda na formação de advogados, ensinando Direito Constitucional no Ceub.